

## **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: leitura e o processo de escolarização**

Luciene de Matos Miranda<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa teórica e prática, na qual se analisou a leitura na Educação de Jovens e Adultos - EJA, numa perspectiva curricular, bem como a possibilidade ou não dos alunos na continuidade do processo de escolarização. Inicialmente foi abordado o tema leitura retratando sua importância no contexto educacional. O estudo destaca a proposta curricular da EJA que tem como base as ideias de Paulo Freire, partindo do princípio de que vivemos numa sociedade dividida em classes nas quais os privilégios de uns impedem que a maioria usufrua os bens produzidos pela sociedade e pelas políticas públicas. Um desses bens necessários é a educação. Diante de tais fundamentos, foi feita uma análise da prática por meio de uma pesquisa qualitativa em uma escola municipal de Vitória da Conquista – Ba, onde observou-se a prática pedagógica dos educadores, foram realizadas entrevistas a professores e alunos para a compreensão de como se dá o processo de aquisição da leitura, e posteriormente entrevistou-se pessoas que foram alunos da EJA nesta referida escola com o objetivo de perceber as dificuldades e/ou possibilidades de continuidade no processo de escolarização. Os resultados mostram que as dificuldades na aprendizagem da leitura e o desgosto por ela pelos alunos são decorrentes de vários fatores, principalmente da forma como se trabalha a leitura. E as contribuições da EJA no processo de escolarização tanto na parte legal quanto na pedagógica.

**Palavras-chave:** Leitura; EJA; Aprendizagem; Escolarização.

### **RESUMEN**

Este trabajo es el resultado de una investigación teórico-práctica que analizó la importancia de la lectura en la educación de jóvenes y adultos (EJA) dentro de la perspectiva curricular, como en la continuación o no del proceso de escolaridad de los alumnos. En la primera parte de la investigación fue abordado el tema de la lectura mostrando su importancia en el contexto educativo. El estudio pretende dar a conocer la propuesta curricular de la EJA que se basa en las ideas de Paulo Freire, teniendo por principio de que vivimos en una sociedad dividida en clases, en la que los privilegios de algunos impiden que la mayoría disfrute de los bienes producidos por la sociedad y las políticas públicas. Y uno de esos bienes necesarios es la educación. Teniendo en cuenta estos fundamentos, se analizó este proceso en una escuela municipal de Vitória de la Conquista/Bahía a través de una investigación cualitativa, donde se observó la práctica pedagógica de los docentes, se entrevistó a profesores y estudiantes para entender cómo es el proceso de adquisición de la lectura, luego fueron entrevistados exalumnos de la institución, con el fin de comprender las dificultades y / u oportunidades de continuar en el proceso de escolarización. Los resultados muestran que las dificultades para aprender a leer y que la falta de motivación por parte de los alumnos se

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – UESB; Pós-graduada em Gestão Escolar – INTA; Especialização em Políticas Públicas, Gestão e Práticas Educacionais – UESB; Mestranda em Ciências da Educação-FICs.

deben a varios factores, sobre todo por la forma en la cual se trabaja la lectura. También como las contribuciones de la EJA en el proceso educativo, tanto en la parte legal cuanto en la pedagógica.

**Palabras clave:** Lectura, EJA, aprendizaje, escolarización.

## INTRODUÇÃO

As rápidas transformações do mundo impõem uma nova estrutura educacional e mais empenho das autoridades e educadores comprometidos com um ensino de qualidade, que valorize a complexidade humana, tendo em vista as múltiplas necessidades do ser humano. Necessidades estas que vão desde as biológicas, sociais, culturais e econômicas. Para tanto, a comunicação e o acesso à informação torna-se necessário para que possa situar-se no sentido crítico e interrogativo, expressando e defendendo ponto de vista.

Segundo Martins (2003), o caminho para esse acesso é a leitura, pois esta “(...) dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura” (p.17). Ainda segundo Martins (2003), começamos a leitura desde os primeiros contatos com o mundo e os fatos que acontecem nele, compreendendo e atribuindo sentidos. Ela afirma que “aprender a ler significa também ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (p.34).

A leitura é uma atividade complexa, que envolve problemas não só gramaticais, mas também culturais, ideológicos, filosóficos e sociais, o que a torna muito importante para a aquisição de qualquer conhecimento. A leitura também é uma das atividades básicas em qualquer nível de escolarização, e nessa lógica, relacioná-la à Educação de Jovens e Adultos – EJA torna-se relevante.

Segundo Di Pierro (2003, p. 20), o educador Paulo Freire propôs um método que consistia num processo de alfabetizar e ao mesmo tempo conscientizar, entende-se que a principal atividade a ser desenvolvida pela escola para a EJA deve ser a leitura, porque é através da aquisição desta que os educandos poderão se descobrir enquanto seres capazes de agir para a transformação do meio social em que vivem.

Como afirma Freire (2006b, p.11), o ato de ler e alfabetizar passa, acima de tudo, pelo ato de ler e compreender o mundo que nos cerca, ou seja, “a leitura do mundo precede a leitura das palavras”, pois as palavras por si só não têm sentidos nem significados.

Sendo a escola, uma instituição educacional, cujo papel é ajudar os educandos a construir conhecimentos, formando assim cidadãos críticos e participantes da/na sociedade em que vivem cabe a ela propiciar situações de leitura que os levem a entendê-la como uma

prática social, pois como salienta Martins (2003), “a leitura seria a parte para o processo educacional aparente, proporcionando a formação integral do indivíduo” (p.25).

A escola deve inserir o educando no mundo da linguagem, tornando-o um leitor crítico adquirindo poder sobre a linguagem e sobre o que o circunda, pois muitas vezes é na escola que acontece o primeiro contato com o livro, sendo indispensável tornar este momento mais agradável possível de se conhecer o poder da leitura.

Diante das dificuldades que a maioria dos educandos tem com a leitura, até mesmo na vida acadêmica, supõe-se que isso deva ao fato da escola não conseguir fazer com que os educandos se interessem sincera e prazerosamente pelas atividades de leitura, uma vez que na escola, a atividade de leitura costuma ser vista apenas como uma atividade obrigatória.

## **A LEITURA NO CONTEXTO DA ESCOLA**

As investigações acerca da história da leitura nos mostram que, inicialmente, a preocupação em torno do assunto era centrada na noção do texto, do produto, dos livros. Na Antiguidade, conforme Barbosa (1994, p. 97),

[...] o conhecimento era transmitido basicamente através do oral, embora na Grécia e em Roma, por exemplo, boa parte da população dominasse as técnicas da leitura. A ênfase no oral, na Antiguidade, é revelada pelo espetacular desenvolvimento da arte da oratória e pela importância do ensino através do diálogo entre mestre e aprendiz.

Segundo este autor, o diálogo era a estratégia básica para transmissão de informações, que mais tarde seriam registradas, porém, as técnicas de notação manual dificultavam sua elaboração e propagação. A escrita era vista como atividade inferior e pouco valorizada.

Para os antigos egípcios, uma das primeiras civilizações a adotar a escrita como disciplina, o aprendizado da leitura estava impregnado de magia. Thot, o deus da sabedoria na mitologia egípcia, havia criado o sistema de língua escrita e presenteado os homens com esse novo saber. Naquela época, aprender a ler e a escrever equivalia, de certo modo, a descobrir uma arte encantadora, exercida por poucos eleitos e que atribuía ao seu aprendiz, poderes supremos.

Segundo Cavalcante (1996), era a época da crença na magia da palavra, em encantamentos secretos cuja eficácia não era jamais posta em discussão.

Os escribas, detentores deste conhecimento e responsáveis por ensiná-lo aos jovens, formavam a casta mais poderosa da sociedade e exercia grande influência sobre os faraós e a sociedade como um todo. Foi graças ao seu rigor que os antigos egípcios puderam registrar sua história, sua medicina, gastronomia, astronomia, mitologia e literatura (CAVALCANTE, 1996, p. 5).

Entretanto para Martins (2003), saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, para o desenvolvimento das capacidades intelectuais, espirituais e das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso a classe dos senhores dos homens livres.

No entanto, para Barbosa (1994), os primeiros sinais de leitura silenciosa, sem recurso artificial do som das palavras, aparecem nas Ilhas Britânicas, onde monges, receosos de repressão, em vez de falar, escreveram uns aos outros bilhetes para serem lidos privativa e sorrateiramente.

Há algum tempo que a palavra leitura vem sendo constantemente usada em diferentes contextos: lê-se símbolos, imagens, gestos, situações, vida, mundo. A aplicação do termo extrapolou completamente o significado do dicionário, invadiu várias áreas do conhecimento humano, ampliou o próprio significado do ato de ler que se refere tanto a algo escrito como a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se, também, como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica que é: “[...] uma compreensão crítica do ato de ler que, não se esgota numa simples decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 2006, p. 11).

Entretanto, uma pergunta torna-se pertinente: o que é ler? O mini-dicionário da Língua Portuguesa Aurélio registra:

[...] ver o que está escrito, proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as, decifrar, interpretar um texto por meio da leitura; compreender o que está dito através de sinais gráficos; tomar conhecimento do conteúdo de um texto pela leitura; reconhecer a mensagem do texto [...] (HOLANDA, 2001, p. 423)

Segundo Barbosa (1994) o ato da leitura real significativa, está envolvida algumas estratégias: formulação de hipótese sobre o significado do texto; antecipação do sentido do texto, que se configura na medida em que se avança na leitura; verificação dessas antecipações, dando sequência à leitura, para confirmar ou modificar as hipóteses formuladas e reorientar ou não a previsão do sentido já feita; utilização do vocabulário visual de base (das palavras ortograficamente normatizadas).

Para desenvolver e concretizar todas essas estratégias no ato da leitura, o leitor deve mobilizar o conjunto de conhecimentos que já possui sobre linguagem, sobre léxico da língua escrita e tudo aquilo que acumulou na sua experiência de vida.

Quando o indivíduo conquista a habilidade de ler, passa a ler pelo prazer do conhecimento, uma vez que a própria leitura causa um impulso humano natural: o de conhecer. Mas também há aquele indivíduo que lê para encontrar-se, reconhecer-se, compreender-se e interagir por meio das palavras escritas. Nesse sentido, o ato de ler não está condicionado ao reconhecimento do sentido do texto, mas que a interação entre o que se lê é o que vai dar significação a esse processo, portanto, esta concepção de leitura enquanto interação pressupõe que o sentido do texto pode ser produzido pelo leitor. Como comenta Araújo (2006):

O ato de ler é tão revolucionário que ainda não lhe atribuímos a devida dimensão. Com ele podemos desescolarizar a imposição da obrigatoriedade e fazer emergir os sujeitos prazerosos da construção do saber compartilhado. Podemos ler no trem, no ônibus, no trabalho, no sindicato, no hospital e também na escola, que cuida muito dos conteúdos e se esqueceu do prazer do encontro (p. 71).

Ao destacar a importância do ato de ler, o autor também mostra que o hábito de leitura deve fazer parte do nosso cotidiano e. No que se refere à escola, esta ao trabalhar a leitura de forma conteudista, não consegue levar o educando ao encontro prazeroso com a leitura. A escola que trabalha a formação leitora com seu aparato de técnicas pensando no conteúdo sem se atentar para a expressão dos indivíduos e suas dúvidas acaba fazendo com que o ato de ler seja uma das obrigações escolares se tornando assim responsável pelo desencanto de seus educandos com a leitura.

Para Geraldi (2000), a atitude das pessoas, diante da leitura, pode ser: como busca de informações; leitura como estudo de texto; leitura de texto como pretexto, mais direcionado para o pedagógico, ou como pretexto do professor para leitura de um texto a ser trabalhado, pretexto do aluno sobre a leitura de um texto de algum assunto que o professor coloca; leitura fruição de texto – o ler por ler, que envolve o prazer e a motivação.

Piletti (1985, p. 17) salienta que ler um texto implica não só aprender o seu significado, mas também trazer para esse texto nossa experiência e nossa visão de mundo, nesse sentido, ler torna-se um ato de verdadeira riqueza de conhecimento acumulado. A qualidade dos textos usados na sala de aula, sua relação com a realidade e a metodologia de leitura indicarão e explicitarão se a escola assume a leitura enquanto reprodutora ou a torna um instrumento de conscientização e de libertação.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa procurou analisar a proposta da Educação de Jovens e Adultos no município de Vitória da Conquista - Ba, quanto ao processo aquisição da leitura e sua contribuição na possibilidade de seus alunos continuarem no processo de escolarização.

Partindo da metodologia qualitativa, utilizou-se como meio para a coleta de dados, consulta de documentos, a observação, a aplicação de questionários e entrevista. Os questionários foram aplicados a oitenta e um (81) alunos da EJA. A fim de refletir as práticas e experiências vividas por eles no ambiente escolar e as mudanças ocorridas ao conhecer e vivenciar as práticas de leitura foi realizado dez (10) observações e entrevistas a cinco professores.

E para verificar e analisar possibilidades e/ou dificuldades de continuar no processo de escolarização bem como as contribuições em sua vida pessoal e profissional proporcionados pela EJA, bem como as razões que os levaram a iniciar ou retornar os estudos na EJA, foi realizada uma entrevista com cinco pessoas oriundas da EJA na escola pesquisada.

Para alcançar os objetivos propostos, foi necessária uma visita à Escola Municipal Mundo do Saber, a fim de colher informações sobre o EJA por meio de consulta em documentos como: cadernetas, relatórios e a proposta do REAJA. Ao consultar os diários de classe, foram escolhidos 81 alunos de forma aleatória, para participarem da pesquisa. Também foi recolhido o endereço de alguns alunos que estudaram no início da implantação do Programa REAJA, no sentido de buscar informações sobre a vida escolar após os anos iniciais do Ensino Fundamental na EJA. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Educação de Jovens e Adultos na cidade de Vitória da Conquista- Bahia, iniciou como uma proposta para minimizar o analfabetismo sendo oferecida por meio do Programa Repensando a Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (REAJA). Este programa criado pela Secretaria Municipal de Educação - SMED de Vitória da Conquista (Ba) em 1997, como uma proposta alternativa de ensino, que vem oportunizando o ingresso ou o retorno ao processo de escolarização às pessoas que não a tiveram na idade própria.

A EJA é oferecida no noturno, das 19h00min às 22h00min, anteriormente pelo programa REAJA (Repensando a Educação de Adolescentes Jovens e Adultos) e hoje como modalidade correspondendo aos cinco primeiros anos do ensino fundamental. São

cinco turmas da EJA, sendo uma turma de módulo I, duas do módulo II, duas para o módulo III, com número variado de alunos por turma, pois, a EJA proporciona a mobilidade do aluno entre os módulos, isto a depender do desenvolvimento e da capacidade do mesmo.

A frequência é considerada boa, visto que são alunos trabalhadores, pais de famílias, pessoas idosas, alguns moram longe, embora a evasão esteja presente. Segundo os professores que atuam no EJA, essa evasão se dá por questões de mobilidade dos alunos em relação à moradia, turno de trabalho alterado, alguns saem da cidade em busca de trabalho em outra localidade, outros vão para a colheita do café e não retornam.

Em virtude das necessidades e experiências cotidianas vivenciadas pelas escolas, nas quais funcionaram classes do REAJA, tornou-se necessária à regulamentação em níveis operacionais, dos fundamentos orientadores, com o objetivo de melhor embasar a utilização dos mecanismos pedagógicos e administrativos legais, por parte de dirigentes e professores envolvidos no programa.

A concepção de currículo no EJA de Vitória da Conquista parte de que o sujeito aprende a partir de suas experiências, da discussão, da problematização, do diálogo, da relação com o outro, sempre num processo de construção contínuo e global do saber.

No currículo, está implícita uma série de crenças que norteiam a prática pedagógica. Sendo assim, é preciso ter claro que o currículo não pode ser entendido somente como um conjunto de procedimentos, técnicas, métodos, conteúdos, planos e programas. Faz-se necessário perceber as questões sociológicas, políticas e epistemológicas que envolvem a sua elaboração considerando sempre o seu valor, numa perspectiva mais ampla, que abranja “o que”, “o porquê” e “a quem” atender.

A forma de organização curricular está pautada no fundamento metodológico que parte de uma situação concreta e significativa para o educando, visando a investigação e a aprendizagem, numa perspectiva transformadora, devendo seguir “a base nacional comum contemplando conhecimentos relativos à Língua Portuguesa; Artes; História; Geografia; Matemática e Ciências” (Resolução nº 018/2013).

Ainda conforme esta Resolução, os componentes do currículo podem ser desenvolvidos através de temas geradores relativos à vida cidadã, abrangendo, dentre outros: saúde, sexualidade, direitos civis, políticos e sociais, trabalho, educação do consumidor e meio ambiente, ou seja, temas que são significativos e que façam parte da realidade dos alunos, possibilitando a interdisciplinaridade, a iniciativa, a intuição, inteligência e sabedoria em busca de uma política pedagógica que visa à formação integral do homem.

Entende-se que o currículo é um instrumento de promoção do desenvolvimento social, bem como pessoal, mas não é capaz de anular desigualdades sociais; ele prevê a

práxis pedagógica sendo compreendido como uma construção social, real, significativa, com intencionalidade político-pedagógico.

A primeira preocupação dos governantes, assim que assumem o poder, é garantir que a população tenha acessos aos conhecimentos que consideram importantes. Dai todos se preocuparem em mudar o currículo, em apresentar uma proposta, sobre a qual se deposita a maior expectativa. Entretanto, a mais bela proposta curricular será insuficiente se for veiculada por professores despreparados. Um projeto de capacitação de professores é indispensável para que se desenvolva um trabalho pedagógico com significado, assim como a proposta do EJA que é pautada considerando a faixa etária e o perfil socioeconômico-cultural dos educandos.

### **Análise da entrevista com os professores da EJA**

Ao iniciar este trabalho, após o estudo bibliográfico, uma série de expectativas se constituiu no sentido de conhecer o pensamento e compreender o comportamento dos professores mediante o processo de ensino, aquisição e desenvolvimento da leitura. Com essa finalidade foi elaborada uma entrevista e aplicada aos professores.

Com relação à concepção que os professores têm de leitura, percebe-se que é muito elementar o que com certeza reflete em sua prática na sala de aula. Não é difícil perceber que essa concepção seja muito vaga, embora reconheça que a leitura não seja apenas decodificação, como tradicionalmente foi praticada na escola.

Ao mesmo tempo em que esses professores consideram a leitura como *algo em busca do saber*, que deva ser feito individualmente, eles afirmam que é o professor quem *dá luz, a orientação, quem conduz ao conhecimento*.

Assim, a interpretação do texto não é feita pelo aluno, mas orientada pelo professor que é o detentor do conhecimento, o que sabe, o que tem autonomia para transmitir o conhecimento. Esses professores estão distantes de uma concepção de leitura, como a que Freire (1998, p.11) nos apresenta: “[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota numa simples decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita”.

Nesse tipo de prática, justifica-se a falta de interesse e de participação de alguns alunos nas aulas de leitura. Primeiro, a leitura é imposta, é vista como uma obrigação, o aluno realiza leitura de textos que não lhe traz sentido algum e dessa forma se sente desmotivado.

A leitura e a escrita constituem a base do pensamento e das ações do homem moderno: lendo, o indivíduo tem a oportunidade de ampliar criticamente seus conhecimentos, adquirir outros e fortalecer sua cultura enquanto vive o prazer da linguagem. Assim, o desenvolvimento da leitura e da escrita deve ser um compromisso da



escola, com o intuito de contribuir para que os alunos tenham uma cidadania mais participativa.

Os professores consideram a EJA como um meio de garantir o acesso de jovens, adultos, adolescentes e até idosos à escola; eles são respeitados pelos alunos, e dizem ser valiosa a troca de experiência entre alunos e até entre aluno e professor, sempre trabalham com temas de conscientização.

No entanto apontam alguns pontos negativos como: não há uma arrumação de turma por faixa etária causando diferenças em relação ao interesse, participação e até compreensão por parte dos alunos em relação a alguns conteúdos; falta de material adequado, as dificuldades de aprendizagem relacionadas a problemas sociais como o uso de drogas ou a fatores cognitivos.

### **A leitura na visão dos alunos**

Quando questionados sobre o gosto pela leitura 48% dos alunos afirmaram que gostavam muito de ler, 19% afirmaram que não gostam, 17% gostava pouco e os 16% restante responderam que gostavam “mais ou menos”. Com base na avaliação das respostas, percebe-se que a leitura não vem sendo, em sua grande maioria, um ato prazeroso devido à falta de domínio da codificação e decodificação dos signos e muitos apenas leem palavras, frases e/ou pequenos textos porque precisam responder a questionários, ou fazer interpretação que são cobrados pelo professor.

Esse pouco interesse pela leitura deve ser analisado, como um fator fundamental para que tal atividade venha colaborar, de fato, com o desenvolvimento intelectual do indivíduo. É possível, por meio da leitura, alfabetizar e ao mesmo tempo, despertar no educando o gosto pela leitura prazerosa, Soares (2004) afirma que, “os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem” (p.5), entretanto cabe ao educador, selecionar atividades que propiciem ao educando motivações para que este pouco interesse pela leitura seja superado.

O segundo questionamento feito foi relacionado à quantidade de páginas lidas por semana, 4% afirmaram não lê nenhuma página por semana, 78% afirmaram leem entre 01 e 20 páginas por semana e 18% responderam que liam mais de 20 páginas por semana. Estes dados evidenciam que apesar de a maioria gostar de ler, na prática do dia-a-dia, os alunos leem pouco e afirmam que isso é devido à falta de tempo, ou pela falta de material para ler ou a falta de interesse pela leitura fora de sala de aula, deixando apenas a leitura na escola. Como na escola a leitura desenvolvida é aquela proporcionada pelo professor em sala de aula onde os textos estão direcionados ao trabalho pedagógico, voltados para o

conteúdo ou para uma atividade avaliativa, e conseqüentemente passa a ser uma prática obrigatória, sem sentido para o aluno, o que o desmotiva ainda mais.

Dentre os que responderam que leem acima de 21 páginas, estão aqueles que levaram em conta a leitura da bíblia, revistas e panfletos. Diante do exposto, percebemos que realmente a escola é a referencia para o contato com a leitura, pesando sobre o professor a grande responsabilidade de facilitar ao aluno o acesso ao mundo da leitura, dando sempre um motivo prático para a mesma, ler para: entretenimento, informar, formar, transformar, conhecer e não somente responder a uma interpretação na qual a resposta certa é sempre aquela induzida pelo professor.

Os alunos também responderam sobre a forma que a leitura era feita em sala de aula, 15% responderam que a leitura era agradável, 15% afirmaram que era estimuladora, 38% que a leitura era cansativa e 32% afirmaram ser desestimulante. Percebe-se que de modo geral, em relação à consideração da leitura feita em sala de aula, proposta pelos professores da EJA deste estabelecimento de ensino, tem demonstrado que a leitura é considerada cansativa pelos alunos, não proporcionando ao aluno-leitor prazer e a motivação para buscar em outros textos novas formas de linguagem e de comunicação, contribuindo para que esses educandos se tornem autores a atores de historias, contos, músicas e outras formas de expressões culturais.

Segundo a análise dos questionários aplicados aos alunos, a participação deles nas aulas de leitura, acontece de uma forma mecânica, pois a maioria apenas responde as questões propostas pelo professor, apenas uma pequena parte, faz comentários orais e outros poucos conseguem relacionar os textos lidos com outros textos.

De acordo estes dados, mais de 65% afirmaram não gostar dos textos trabalhados em sala de aula ou que estão distantes da realidade deles, apesar dos professores relatarem que procuram adequar os textos a realidade dos alunos. Os alunos também afirmaram que os textos do livro são grandes e na maioria das vezes o professor leva outros materiais para trabalhar com a leitura.

Quando questionados se os textos lidos em sala de aula influenciam no modo de pensar e encarar a vida cerca de 70% respondeu que tem muita influencia, pois por meio dessas leituras fazem reflexões de problemas do cotidiano, 19% que tinha pouca influencia e apenas 11% afirmaram não ter nenhum tipo de influencia sobre a tomada de decisões.

Entretanto, não podemos deixar de registrar os esforços, a dedicação e o compromisso dos professores e demais profissionais envolvidos no processo educacional das classes de EJA, ora em estudo, mas a garra de tais profissionais no sentido de promover uma educação de qualidade, torna-se cada vez mais efetiva.

A sexta pergunta era sobre onde o aluno mais utilizava a leitura, 72% afirmaram ser

na escola, 11% em casa, 7% no trabalho e o restante em outras utilizações, isso demonstra que apesar da leitura ser considerada cansativa por grande parte dos alunos entrevistados, a leitura ainda não se efetivou na prática cotidiana, isto implica que não existe uma articulação da leitura com outras expressões culturais da comunidade, nem tão pouca uma articulação da leitura com a educação fora da escola.

Um aspecto importante para refletirmos à cerca da leitura (enquanto texto escrita) na EJA das classes supracitadas, são dificuldades encontradas pelos alunos nas atividades desenvolvidas com a leitura, tais como: textos difíceis de entender e linguagem complicada.

Quando questionados sobre o que mudariam no ensino da leitura 39% citaram maior tempo de aula, 49% tiveram respostas variáveis desde diminuir os textos até utilizar a Bíblia e revistas e 12% afirmaram que nada deveria mudar. Com base nesses dados, percebe-se que na medida em que aumenta o domínio da leitura, aumenta também o interesse ou envolvimento com a mesma; os alunos em sua maioria sugerem mais tempo para trabalhar com a leitura e propõem que se trabalhe mais com o jornal e com a Bíblia por estes fazerem parte do seu cotidiano e de tratarem de assuntos reais de suas vidas.

Em relação à análise dos ex-alunos, todos os entrevistados revelam que, antes de terem ingressado na EJA e serem atendidos pelo programa REAJA, já sabiam ler um pouco e já haviam estudado quando crianças e retomaram os estudos com objetivo de ampliar os conhecimentos, prosseguirem e concluir com os estudos. Todos eles ressaltaram a importância de terem estudado no REAJA com temas do seu cotidiano como: saúde, política, violência, drogas, cidadania e relacionamento, e que, a partir desses estudos melhoraram o seu desempenho no trabalho e em seus relacionamentos interpessoais.

As atividades que mais apreciadas eram as de leitura, pois lhe davam acesso a novas informações; produção de textos; trabalhos em grupos; atividades teatrais; debates e palestras. Eles acrescentam que os professores utilizavam livros, jornais, revistas, para ministrarem suas aulas e esclarecem que muitas vezes os professores traziam materiais de casa (panfletos, propagandas, revistas, etc) para incentivar e estimular a participação dos alunos, pois o material fornecido pelo governo não era suficiente e não possuíam livros específicos para os alunos da EJA.

Todos consideram que os professores trabalhavam bem, atendendo as expectativas do aluno, fazendo revisões e explicando os assuntos quando os alunos sentiam dificuldades, tendo dedicação e paciência, pois havia muitos jovens e adolescentes que tinham um comportamento um tanto agitados.

No que diz respeito à avaliação, os alunos eram avaliados por meio de testes, trabalhos individuais e em grupos, provas, participação nas aulas e eram valorizados os conhecimentos que já tinham, aproveitando-os nas discussões de temas. Todos

confirmaram que o REAJA lhes trouxe benefícios pessoais, como aumento da autoestima, ampliou o ciclo de amigos, até mesmo o relacionamento familiar e ajudou a entender melhor os problemas sociais, lhes conscientizando de que cada um deve fazer a sua parte para um mundo melhor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreende-se que se faz necessário analisar o processo educativo destinado ao jovem e ao adulto no Brasil, desde o tempo colonial quando surge uma ação educativa intencional de comportamentos até aos dias atuais com objetivos e exigências maiores que vão além da superação do analfabetismo, pois a realidade presente só pode ser bem compreendida com o resgate e análise das experiências passadas, tornando, assim, possível um projeto de mudança, comprometido com o desenvolvimento do cidadão e, conseqüentemente, da sociedade. Pois, quando a sociedade se transforma, a educação também muda, pois passará a refletir as novas necessidades sociais.

Atualmente o Brasil vive um processo de mudança e abertura política e enfrenta inúmeras dificuldades em relação à educação: altas taxas de analfabetismo, baixo índice de aproveitamento escolar, falta de recursos didáticos/humano, organização do sistema, rede física deficitária, evasão escolar, estrutura escolar inadequada, enfim, a escola se encontra despreparada para enfrentar os novos desafios, resultando assim em baixo grau o padrão de ensino e conseqüentemente de aprendizagem.

Não se pode negar que o nosso sistema educacional, principalmente no que diz respeito à EJA, vem progredindo bastante no sentido quantitativo, ou seja, no oferecimento de vagas e nessa questão o REAJA foi o primeiro passo para atrair jovens e adultos a retornarem ao processo de escolarização, uma vez que o terceiro turno estava mais voltado ao adolescente.

Dessa forma acaba com o programa REAJA e efetiva-se a Educação de Jovens e Adultos como modalidade, que vem minimizando o analfabetismo no Município de Vitória da Conquista e conduzindo os alunos a continuarem seus estudos num processo de escolarização, embora alguns não continuem por muitos outros fatores como: trabalho, família, condições de moradia em relação à localização e não por falta de oferta de vagas, de apoio ou incentivo nas escolas ou regulamentação legal que assegure esse processo.

Quanto ao trabalho em si, constatou-se que os professores fazem o possível para manter o aluno na escola, tendo compreensão e tolerância até mesmo em relação ao horário de chegada de alguns alunos que comprovem a necessidade de em determinados dias chegarem um pouco atrasados, valorizando todas as atividades realizadas pelo aluno.

No entanto nem todas as atividades oferecem um atrativo, pois geralmente são realizadas de forma mecânica.

Com relação à leitura, apesar da escola trabalhar num sentido amplo de leitura de mundo, muitas vezes a forma que o professor aborda ou trabalha com a temática acaba por ser desestimulador ou cansativo para o aluno. E, muitas vezes a própria realidade em que o educando vive não o deixa perceber essa leitura de mundo no sentido de mudança da realidade e construção de sua própria história. Essa realidade o leva a pensar e entender que é preciso aprender ler para vir a ser alguém na vida e não percebe que já o é, ou para ter um emprego melhor ou se manter no emprego, para ter um bom salário, e isso o dificulta a conseguir se apropriar da leitura como fonte de prazer e de informação.

Outro fator observado que tem contribuído para a dificuldade na aprendizagem da leitura e o desgosto por ela estão atrelados à dicotomia teoria e prática de alguns dos professores. Pelos questionários, foi verificado que alguns professores dizem propor atividades que estimulam o prazer de ler. Entretanto nos relatos dos alunos nas observações realizadas, algumas vezes o professor deixa a desejar, uma vez que nem sempre a atividade, o conteúdo ou o tema abordado atinja o interesse ou a motivação de todos até mesmo pela variedade de faixa etária entre os alunos e pela forma em que realiza a atividade de leitura, que muitas vezes é infantilizada pelo professor que se prende no processo de alfabetização enfatizando a leitura e escrita. Percebe-se ainda que os fundamentos teóricos e a proposta curricular são riquíssimos para se desenvolver um bom trabalho com a EJA, mas falta compromisso das autoridades competentes em dar condições para que possam ser postas em práticas.

Diante do exposto, conclui-se que algo precisa ser feito urgentemente no sentido de amenizar esta situação em que se encontra esse processo de formação de leitores, jovens que estão na escola e não se sentem motivados e escondem a vergonha de não conseguirem entender o que leem, adultos que até querem melhorar o nível de leitura, mas encontram dificuldades até no acesso a materiais de leitura na própria escola. Professores precisam ser melhores atendidos nas suas necessidades didático-pedagógicas por meio de aperfeiçoamentos (formação continuada) e disponibilidade de recursos materiais que favoreçam um melhor atendimento aos seus alunos.

Em relação ao que se propõe para a educação de jovens e adultos no município de Vitória da Conquista, ainda falta muito para que seja efetivada na prática, pois educação de qualidade é sinônimo de investimento e o governo municipal vem contendo despesas. A proposta é muito boa o que falta é a prática com o devido investimento que vai desde a disponibilização de materiais apropriados à essa clientela, formação continuada dos professores e a uma melhor adequação da proposta.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. S.; **Letra, leitor, leituras: reflexões**. Itabuna: Via literarum, 2006 .

BARBOSA, J. J.; **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BRANDÃO, C. R.; **O que é o método Paulo Freire** . 5. ed. São Paulo; Nova Cultura I, Brasiliense 1985.

BRASIL. Congresso Câmara dos Deputados. **PNE. Plano Nacional de Educação**. Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. Constituição Federal, **Seção I da Educação**, Art.208, Inciso I e Art. 214, Inciso I, 1988.

\_\_\_\_\_. LDBE N, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 .

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília; Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

\_\_\_\_\_. MEC/CNE , **Plano Nacional de Educação**. In ;Cadernos 11 CONE D, 1997.

BRASIL/BAHIA-VITÓRIA DA CONQUISTA. Sec. Mun. de Educação. **Programa de Educação de adolescentes, jovens e adultos: REAJA – Fundamentos I**. SMED, 1999.

\_\_\_\_\_. **Proposta Pedagógica de Organização do Ensino Noturno das Escolas Municipais de Vitória da Conquista : Segmento I e II da Educação de Jovens e Adultos**, 2005.

\_\_\_\_\_. **Repensando as práticas pedagógicas no ensino noturno: REAJA – Fundamentos II**. SMED, 1999.

\_\_\_\_\_. Resolução nº. 016/98. **Fixa Normas para os Cursos de Educação para Adolescentes, Jovens e Adultos Correspondentes às series Iniciais do Ensino Fundamental**, 1998.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 018/2013. **Estabelece Normas Operacionais Complementares que instituem as Diretrizes Gerais e Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA**, 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. **Proposta Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos: Vitória da Conquista: SME D – Núcleo Pedagógico**, 2007.

CAVALCANTI, Z.; **Livros etc...** Brasília: Ministério da educação e do Desporto, Secretaria de educação à Distância, 1996 (cadernos da TV Escola).

DI PIERRO, M. C.; (Coord.). **Seis anos de Educação de Jovens e Adultos no Brasil: os compromissos e a realidade**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

FREIRE, P.; **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários á Pratica Educativa**. 4ª ed. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; **Importância do ato de ler; em três artigos que se completam**. 47 ed. São Paulo; Cortez, 2006.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2000.

HADDAD, S. e DI PIERRO M. C.; **Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos: Consolidação de documentos 1985/1994**. São Paulo: CEDI, Ação Educativa, ago.

HOLANDA, A. B.; **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARTINS, M. H.; **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

OLIVEIRA, E. C.; **Prefácio**. In: **FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAIVA, V. P.; **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PILETTI, C. **Didática Especial**. São Paulo: Ática, 1985.

SOARES, M.; **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S.; **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZUNTI, M. L. G. C.; **A Educação de Jovens e Adultos promovida pelo MOBRAL e a Fundação Educar no Espírito Santo, de 1970 a 1990: uma análise dos caminhos percorridos entre o legal e o real**. Vitória, 2000.